

Índice

A Braseira Verdete	11
O Encontro em Samarcanda	15
Lamento Negado	19
Trunfo	22
A Aranha e o Doravante	26
A Monção	30
Dolo	34
Limões e Linde, Manuel Gusmão	39
Convergiam	46
Fácil, Eugénio, nunca um Poema	50
Galhofa Conselheira	56
Juden	63
Gorgulho	67
Avenida	70

A BRASEIRA VERDETE

A roca e o fuso no peitoril,
Leigo e ágil, o campeador.
Na aba portuária um lacrau vadia.
Trapézio na tatuagem e arroubo do boné.

Se não nos entre-diz a aparência, não divagaria
ao dique da melena a eliminar-me.
Não temo a encruzilhada com ele, o alecrim.
Compunha melopeias asséticas e loas em bandarilha,
agitava-nos essa formosura do feitio, não a sintonia ou o arranjo.
Dançávamos ao seu interdito quando o anuía
e nos enjeitava.

*

Necessidade de boicote. Inventava-me,
insípido e praieiro.
Sóbrio gangue acumula uma legenda.
Recanto de confeitaria, um encadernado
não o folheava, a lombada
entre o polegar e o indicador. A revolta de conduta
afirma-a um oprimido na sua recusa.
Habitua-se a repelir o ranço e a crença.

Monotonia de varandim no diagrama teatro,
a viela naval, o almagre e a galera de armazenagem

congénere da amplidão na berma militar do empório.

Uma educadora ensinava a língua do dia a dia.
Eu não assimilo. Não soube sequer uma,
tão-só a capacidade de a ler,
a comunicação pessoal não me comovia.
Ao domingo ela polia uma loja de retroseiro.
Subtil aquela mulata captava órfãos e um patrão.

Complicada a salvaguarda de saúde, tulha
da bagagem, nem o pijama faltava na cela.
Lobriguei-te. Sincero que dizias a maior
querença pode não ter sexo. O azebre
impedia-me de imputar a tua presunção.
Gravitei no derrame uma fratura,
taconeavas ao meu balanço e sibilei-te
que não viesse a barrote o teu percalço,
um carolo no toutiço louro apanhado ao alto.
Ortigas um fanal lívido no catre. Puseram um pano
a tapá-lo, por hipocrisia.

Um edil reclamaria por morse a indemnização.
Em rolo no peditório a fila de paredes impudica,
área de prodígio na galeria
dois oboés um auleta os executa sem adorno.

*

Fiel nem que o mar emperre o Marão,
atávico no que optei. No alterne
não soube de ti. Uma encaroçada malícia
em confronto. No seu arame farpado de algodão

rega o vale de galfarros a brincar no martírio,
ao clangor de botas e lençóis em hélice.

Pela veiga um regime de bacilo e mofo
no bojo do planalto, o alarido e a forja
um acervo de habitação
pela torrente consumida. Atribuo-lhe
tonalidade e grave toada e o meu gáudio
atrofia. A ideologia não fundamenta o autêntico
ou a liberdade: a pugna invariável.

No betão da desolada aurora
cambraia no meu paul.

*

«Conhece o Pasolini?» «Um dancing na travessa
para que gira o elétrico? Olhe que é caro.»
Boys deliberam-lhe uma tática desabrida.
O brinco nítido na orelha direita
não autorizava a fretar fivela ou cartilha.
Onde aguçaria essa crina opressiva?

Latente o recluso afogava-se no seu sectário
hectare, por um enguiço não saboreia o fermento.

*

Sucedia-se por sortilégio, zinabre, dourado.
Um creme bífido para o nevo, uma borbulha

na manhã seguinte, o pêlo hirto e contuso.
Uma rima inserida num processo delongado.
A duração ultima-se, cogitam no seu sobressalto.

Em rotação, do cerebello ao mindinho, a rodela
galga a trave da montra cambaia, do furúnculo na alça.
Enrodilhou-se em problema, plaina no meu cupão
o fulcro do conferido. A penetração por correio
não apazigua a sobancelha de um solitário.

Em Coimbra, caloiro, um grupo ordinário de batina,
um atravanco de javardos a encurrular-me
para uma república. Atrás um berro,
«quartanista de ciências, é protegido por mim».
Amolgou-se a caterva. Um confrade, como ele me gralhou,
num colete de bombazina carmesim e de crisântemo.
Na meteorologia o Mondego em linha reta, inundado.
Na portaria do seu hotel barato um enfado
em que se debatiam retalhos em renúncia,
inocula-os ao ajuntamento de primavera.
Ressequia o seu roupão em túnica, bombeava o dialeto da cripta,
amortizava a generosa cartilagem. Encolhia-se
cálido o ocaso. Aleatório não,
não sei, raiano, mitigado, inconsequente.

O ENCONTRO EM SAMARCANDA

No nosso quarto o foreiro que eu amo.
A profissão trouxe-me ao isolamento.
Um tirocínio de remorso.

O grão da sua silhueta obsidiana
irisava anil na toalha da parreira
por imprecação exata aconteceu.
Transitórios enfrentámos um antro oracular.
Na puberdade rapazejei um da minha turma,
de Díli. Cultivei, de seguida, a pele rosada. Porventura
nele me tivesse enfeitiçado o vau erigido em rumo
e confiança. Eu, um professor burocrata, sindicato,
cargos e touca científica, um almocreve cabal. Ele,
impreciso na sua mágoa e partilha. De São Tomé.

Em sucinto, teria de partir. Tivera uma bolsa,
um diretor de quarteto de câmara enfeudado no vinil.
Aproveitou e matriculou-se em piano com um virtuose,
magnetizado a Barcelona e para cá viera, coitado.
Profícuo, o aprendiz encapelado considera recitais em sua terra
ou na do Príncipe. Não o aflige quão longe aportaria ou não
ou se rude a um banco de aulas em conservatório,
a carreira indesejada.

Ciciou-me de quem o exercitava, púcaro
gay. Encrencou-se na terminologia.
«Num dicionário da academia citavam um psiquiatra prosante.
Que um colega era lânguido. Seria
um sinónimo?» «Uma fobia não tem solução,